

Nomeação e contingência

COLETTE SOLER

Hoje em dia, é do exterior, do Estado, dos costumes e da família, que os psicanalistas recebem diretamente uma interpe-lação mediatizada, a que poderiam ter respondido há quarenta anos atrás, pois já estava sob a pena de Lacan.

Cito a primeira versão da *Proposição*: "o apego especificado da análise às coordenadas da família é um fato [...] Parece ligado a uma forma de interrogação da sexualidade que corre o risco de deixar escapar uma conversão da função sexual que se opera diante de nossos olhos."¹

Depois de todo esse tempo, considero urgente extrair as respostas que Lacan deu às perguntas dos analistas à época e medir seu possível uso em nossa clínica. O osso duro dessas respostas, sem dúvida o sabem, é o questionamento da ideologia edípica e uma redefinição constante, de décadas, do que ele mesmo chamou 'a função paterna'. Ao final, 1974-76, chamou-a 'função de nomeação'.

O pai é quem nomeia, no entanto é o pai do nome. Essa nova fórmula, se a escutamos bem, é um salto conceitual maior. Detive-me largamente nela há alguns anos em meu curso "A que-rela dos diagnósticos". Só trago aqui alguns elementos. Poderíamos imaginar que com isso Lacan salva o pai e coloca em relevo a velha cantilena bíblica e o Édipo freudiano. Isso seria surpreendente, pois são os anos em que se multiplicam as expressões de degradação do pai. De fato, é o contrário de um salvamento: conserva a expressão Nome-do-Pai, porém tal nome designa uma função que não passa necessariamente pela mediação do pai, de um pai.

Suponho que se dêem conta do imenso alcance da tese para nós, pois estamos em um tempo em que o fracasso dos pais está à flor dos fenômenos, quero dizer, à flor da clínica.

Evidentemente, não ignoro que todos os leitores assíduos de RSI² têm em mente a famosa passagem da lição de 21 de janeiro de 1975 sobre o que é um pai digno desse nome. Essa

¹ Lacan, Primeira versão da "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola", (1967/2003, p. 582).

² Lacan. *Le Séminaire*, livre 22: RSI (/1975).

passagem precisa as condições em que um pai em particular pode veicular a função Nome-do-Pai, e ser, o que chamarei, um –NdP, com um hífen. Observem a lógica elementar: o fato de um pai ter poder não implica que seja o único nesse poder. Precisamos olhar de mais perto e captar, além do enunciado, os fundamentos da tese.

Em primeiro lugar, que é essa nova função de nomeação?

Dizer que um pai nomeia já é sustentar sua função para além da metafórica, porque ele articula o significante e o significado, ou seja, o simbólico e o imaginário - a metáfora do pai deixava o real de lado, e isso Lacan tentava corrigir nesses anos. Tampouco é a função da letra que conecta um elemento do simbólico ao gozo real. Em resumo, a nomeação não é uma função simbólica, mesmo sendo privilégio do falante e tendo efeitos simbólicos. É função do dizer, e o dizer, cito, “é acontecimento”. Não é verdadeiro ou falso, é ou não é. Igual ao ato. Acontecimento implica a contingência, um “o que deixa de não dizer-se”. Diferente do uso dos significantes, nomear é um fato da existência. Sempre é “de fato”, nunca programado pelo simbólico, assim como sua possível falta. E, com efeito, Lacan diz ‘foraclusão de fato’.

A eficácia desse dizer, segundo Lacan, enlaça as três consistências de maneira borromeana. Por que se faz necessária essa operação, assim como o recurso de Lacan ao nó borromeano?

Trata-se de dar conta da clínica do “sujeito real”. O sujeito real não é o sujeito suposto da cadeia de palavras e, sim, o sujeito com sua substância de corpo, a saber: o *parlêtre*, o homem no sentido genérico, *the individual*³. É preciso que o real – aqui o real fora do simbólico do vivente – esteja enodado ao imaginário e ao simbólico, para que o sujeito não esteja, ou bem todo em delírio, ou bem não todo no autismo sem lado de gozo, ou nos dois, justapostos ou alternados. A função de nomeação responde a tal necessidade, segundo Lacan.

Como?

A nomeação vai da atribuição do nome comum ao que chamamos nome próprio, porque vale para Um e nenhum outro. Dar um nome às coisas, a Bíblia o imputa a Deus. Porém Deus só deu às coisas um nome comum. O nome próprio tem mais pretensões e mais alcance – passo ao largo da enorme bibliografia sobre o nome próprio e vou ao essencial.

³ Lacan. Joyce, o sintoma (1975/2003).

A função do nome responde ao que o ser falante tem de impensável, ao impredicável que é. O impredicável é um problema com o qual cada psicanalista se confronta dia-a-dia, pois o sujeito falante, ao ser representado por sua palavra ou por seus significantes, não é menos impredicável no que tem de real. Dizendo em termos mais familiares, na palavra, na falação, dizia Lacan. Em termos finais, é o recalque primário, nomeado por Freud, o que responde à pergunta do sujeito, *Che vuoi?*. É o que Lacan reformula em 1975 dizendo, de modo mais radical, “o simbólico faz furo”, furo irreduzível. Tal furo tem um nome: fora da psicanálise é Deus, pelo menos o Deus do “sou como sou”, assertiva impredicável. Em psicanálise o nome do furo é o inconsciente mesmo – pois o inconsciente não é tanto a cadeia da palavra como o furo irreduzível que a marca.

Qual é o recurso contra esse furo interminável? Fora da psicanálise é a identificação, pois certamente recobre o furo do sujeito, sem reduzi-lo; e basta a psicanálise para que se o descubra, no duplo sentido da palavra descobrir. O nome próprio tenta suprir a impotência da identificação. Contrariamente ao patronímico, por outra parte muito variável na história, o nome próprio não tem homônimo, refere-se à ex-sistência (escrita com duas palavras) de uma identidade única, é a forma infalsificável do impredicável.

Os nomes vêm desse furo do inconsciente. O furo, diz Lacan, esculpe os Nomes-do-Pai, o inconsciente nomeia. Com efeito, produz nomes e, em uma análise, o faz pela via da falação interpretada. Porém, o que é nomeado? Não é o mesmo furo, senão tudo o que não passa ao significante, o objeto, e eminentemente, o real. Isso porque o amor nomeia tudo, como o sintoma. Vejam um pai: seu dizer nomeia seus objetos, sua mulher-sintoma e os filhos que teve, e ao fazê-lo, ata não só o real, que o constitui, ao simbólico e ao imaginário, como o sexo e as gerações. É assim: “O *naming*, a falação, se ata a algo do real”. O real é furado pelo significante, porém enlaçado pelo nome. Ou seja, haveria de escrever o neologismo calculado: (a)no(da)mento.⁴

A nomeação ata o palavrório, que representa o sujeito não identificado, com o real do gozar, que dá sua identidade. Logo, com razão Lacan pode dizer que os nomes que respondem ao impredicável são nomes do pai. Podem muito bem não ter nada a

⁴ Em francês *nou(e)mination*. Ré-
úne *noue* (anoda) e a terminação
de nominação: *mination*.

⁵ Jogo de palavras intraduzível em português. A autora junta *nommer*, nomear, com homem para criar o *n'hommér*.

ver com algum pai; têm função borromeana.

Teria, então, que demonstrar: a nomeação ata as três consistências, faz sintoma. E podemos acrescentar a letra *h*, o *h* de homem, entre o *n* e o de nomear: *n'hommer*⁵, como sugere Lacan. A nomeação faz um do homem....borromeano. O *naming* é, então, Pai, maiúsculo. E adiante escrevo: Nomeação –NdP. Eis aqui os pais levados a não ser mais que casos particulares e, ademais, contingentes para uma função mais geral. De outra parte, este ponto já estava implicado ao colocar no plural os Nomes-do-Pai. Passo a outra coisa.

Há mais: a nomeação faz laço social. Nada de autoprodução e nada de atribuição de nome. Seja nome comum ou mais radicalmente nome próprio, o nome há de ser ratificado para ser. Pode-se querer um nome, alguns se nomeiam novamente, como mostra nossa língua, por suas obras, boas ou ruins, porém ninguém se auto-atribui um nome. A prova é Joyce: delirou seu nome, pode-se dizer, antes de tê-lo, porém não há Joyce sem joyceanos, sem o dizer magistral dos joyceanos. Exemplo menos destacado, o patronímico do Sr. Poubelle⁶ acabou sendo um nome comum de um objeto de nosso cotidiano, porém não sem o público que o utiliza. A hetero-atribuição do nome se aplica, inclusive, ao nome do sintoma. Vejam, por exemplo, conforme já citei em outro lugar, Jack, o estripador; M, o maldito; Zorro, o justifeiro; e até o Homem dos Ratos. O nome indicador da identidade recebe-se no laço social. E poderíamos sustentar com isso algumas considerações sobre a função da interpretação.

⁶ Em francês *Monsieur Poubelle* é um nome coloquial e significa lixeira.

Primeira consequência: a função –NdP é disjunta da família. Mesmo quando o –NdP é feito por Um pai, pois pelo nome de seus objetos-sintomas, que conjugam heterossexualidade e filiação, um pai faz (a)no(da)mento, e inclusive, nós com s, o nós do laço social⁷. Nada a ver com a família conjugal, da qual sabemos por experiência que, inclusive em suas configurações mais conformes, está longe de prevenir a forclusão. Já não estamos em tempos possíveis de elevar o grito “família, te odeio”; hoje em dia, há um grande grito inverso: “família, nos fale”. E, bem, Lacan se inscreve em falso; não é a família que faz o pai –NdP; ao contrário, é quem nomeia, quem mantém juntos, e sem passar necessariamente pelo estado civil, o anel no dedo, a coabitação, os diversos objetos que a família pretendia reagrupar abaixo do mesmo teto.

⁷ Aqui a homofonia é possível no português: a autora diz *nous*, de nós, o pronome, e nós dos laços.

Os psicanalistas poderiam prescindir de sua adesão às coordenadas da família. Isto lhes permitiria fazer frente às situações atuais, antes que deplorá-las, como fazem alguns.

Em segundo lugar, a nomeação –NdP, sempre com um travessão, é igualmente disjunta do sexo. Os nomes dos –NdP não estão sexuados. Trata-se de uma atualidade muito diferente e que reúne, de maneira impressionante, as evoluções do tempo. Evocar a subversão sexual em 67 era ser visionário. Hoje isso se verifica todos os dias. E sustenta-se, agora o sabemos, graças ao capitalismo e, sem dúvida, também, à psicanálise: o gozo só se situa a partir de um mais de gozo, o que chamamos gozo perverso. Dito de outro modo, que não faz relação. Porém tal regime de gozo muda o lugar da heterossexualidade no discurso, e correlativamente, relativiza a figura do pai hetero.

Não ser o pai o genitor, ainda que o genitor possa ser, também, pai, é uma tese com origem em Lacan e hoje a ciência faz passar ao ato. A nomeação –NdP generaliza a disjunção da reprodução dos corpos. Suas conseqüências vão até o gozar – Lacan o precisou – porém se todos os nomes –NdP remetem ao gozo, não todos remetem ao sexo: como bem vemos em o “homem mascarado”, que Lacan faz um dos NdP⁸, e cujo sexo é duvidoso. Mais ainda, com o artista sintoma-assexuado que dá seu nome a Joyce, o sem corpo.

⁸ Lacan, “Prefácio a O despertar da primavera” (1974/2003, p.559)

Hoje em dia podemos constatar: as configurações do que se transmite em matéria de “você é meu sintoma” ou de “você é meu filho ou minha filha” - em resumo, você é nome de um de meus gozos - em termos da realidade social são muito mais variadas e defendidas do que já o foram. A teoria da nomeação –NdP, por ser disjunta do sexo, torna-se atualizada com tais evoluções, permitindo, além do mais, pensar nela no momento mesmo em que a vida pela via do sexo é questionada pela ciência.

Concluo com uma conseqüência muito concreta e atual: a contingência do *naming* no laço social, contingência, insisto, abre-se ao encontro, objeto *a priori* em todos os projetos de prevenção subjetiva em relação às crianças. Distingo logo a proteção, de fato, da prevenção que pretende antecipar-se aos efeitos e, postulando uma falsa causalidade familiar, quer prevenir todos os supostos danos, com resultados geralmente mais próximos da discriminação que de verdadeiro cuidado.

Que o dizer da nomeação seja, como qualifiquei, epifania, acontecimento, faz fracassar a prevenção, tão cara às políticas de saúde. Todo o problema para os analistas seria, finalmente, soltar a norma edípica e familiar para buscar e reconhecer as circunstâncias clínicas desse dizer ali onde se apresentam.

Tradução: Andréa Brunetto, estabelecida a partir da versão castelhana de Manel Rebollo

referências bibliográficas

- LACAN, Jacques. *Joyce, o sintoma*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.
LACAN, Jacques. "Proposição de 9 de outubro de 1967: primeira versão". In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
LACAN, Jacques *Le Séminaire, livre 22: RSI*. Paris: Navarin, 1975.

resumo

O artigo trabalha a clínica do sujeito real e o Pai como o que nomeia. Enlaçando o sujeito não identificado com real do gozar que dá sua identidade, o Pai tem função borromeana. Assim, escrevemos NdP e sustentamos que os nomes do pai podem não ter nada que ver com nenhum homem, assim como não é a família que faz o NdP, ao contrário, quem nomeia mantém juntos os sujeitos.

palavras-chaves

Nome-do-Pai, nomeação, nome próprio,
família, Édipo.

abstract

The article deals with the clinic of a real subject and the Father as the one that gives names. Tying the subject no identified with the real of jouissance, that gives his identity, the Father has a borromean function. Like this, we wrote Name-of-the-Father and we hold that the father's names are not necessarily related with any man, as well as it is not the family that makes the Name-of-the-Father, to the opposite, who names it keeps together the subjects.

key words

Name-of-the-father, nomination, proper name, family, Oedipus

recebido

10/02/2008

aprovado

15/03/2008